O PAPEL DAS METÁFORAS NA CONSTRUÇÃO TEXTUAL DE CANÇÕES DO RITMO BAIANO DO ARROCHA

Bruno Santo (UFG)

Resumo: Amparado pelos pressupostos modernos da Linguística Cognitiva e a sua Teoria da Metáfora Conceptual em sua fase sociocultural (Lakoff; Johnson, 1980; Salomão, 1999; Kövecses, 2005, Marcuschi, 2007), cognitivo-discursiva (Vereza, 2007) e multimodal (Forceville, 2009), este trabalho buscou examinar o papel da linguagem metafórica um contexto sociolinguístico e regional ainda pouco explorado pela ciência linguística: as canções do ritmo baiano do arrocha. Ao analisar duas canções apresentadas *ao vivo* pelos cantores Pablo e Nadson – O Ferinha foi possível concluir que a metaforicidade é singularmente importante para a tessitura conceptual, textual, argumentativa e psicoafetiva das músicas, corroborando com o *ultrarromantismo* das melodias com metáforas tais quais O AMOR É UMA VIAGEM, ENCONTRO ROMÂNTICO É ALIMENTO, SEPARAÇÃO AMOROSA É MORTE, ENCONTRO ROMÂNTICO É BELEZA NATURAL, SEPARAÇÃO AMOROSA É ATAQUE CARDÍACO e SER HUMANO É ANIMAL.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Metáfora. Música. Arrocha Baiano.

Abstract: Supported by the modern assumptions of Cognitive Linguistics and its Theory of Conceptual Metaphor in its sociocultural phase (Lakoff & Johnson, 1980; Salomão, 1999; Kövecses, 2005, Marcuschi, 2007), cognitive-discursive (Vereza, 2007) and multimodal (Forceville, 2009), this work sought to examine the role of figurative language in a sociolinguistic context still little explored by linguistic science: the songs of the Bahian rhythm of arrocha. By analyzing two songs performed *live* by the singers Pablo and Nadson - O Ferinha, it was possible to conclude that metaphoricity is singularly important for the conceptual, textual, argumentative and psycho-affective texture of the songs, corroborating the *ultra-romanticism* of the melodies with metaphors such as LOVE IS A JOURNEY, ROMANTIC ENCOUNTER IS FOOD, LOVING SEPARATION IS DEATH, ROMANTIC ENCOUNTER IS NATURAL BEAUTY, LOVING SEPARATION IS CARDIAL ATTACK and HUMAN BEINGS ARE ANIMALS.

Keywords: Cognitive Linguistics. Metaphor. Music. Arrocha Baiano.

Introdução

Os estudos sociocognitivos da linguagem impulsionam seus pesquisadores a analisar o discurso plenamente *em uso*. Isso tem um motivo, pois se algum cientista deseja entender o significado de uma sentença ou da linguagem em geral, ele precisa "observar como os falantes constroem sentido com ela, como se engajam em atividades utilizando a língua como uma forma de mediação" (Koch; Cunha-Lima, 2004, p. 287). Além disso, segundo as autoras se faz necessário compreender as propriedades socioculturais de uma determinada comunidade linguística, ou seja, os aspectos neurodiscursivos, psicoafetivos, históricos, intersubjetivos e simbólicos os quais os falantes utilizam para emoldurar as suas realidades.

Dessa maneira, compreendendo que conforme Marcuschi (2007, p. 62) as metáforas configuram-se como um dos instrumentos linguísticos de construção do conhecimento e da cognição social, este trabalho buscará trazer em tela um contexto em ascensão muito pouco explorado na ciência linguística: as canções ultrarromânticas do ritmo do arrocha baiano.

Trabalhos como os de Figueiredo (2015), Cardoso Filho & Cerqueira (2016) Santos (2019) e Brito (2019) procuraram refletir sobre a desvalorização social que tem as canções desse ritmo por elas serem apreciadas pela população periférica e as favelas. Considerado assim pela elite dominante como canção de "mau gosto" ou "sem qualidade", infelizmente. Contudo, em contrapartida cantores de fama nacional como Gustavo Lima, Maiara e Maraísa, Naiara Azevedo e Marcos & Belluti vem quebrando este estereótipo, que tem ascensão de escuta em websites como YouTube e Spotify.

Visto isso, ouvindo as letras de duas canções dos cantores Pablo do Arrocha e Nadson – O Ferinha, a saber: "Tudo Azul" e "Pássaro Noturno", respectivamente, este trabalho observou que a metaforicidade parecia ter papel central na sua construção textual, bem como na interlocução dessas músicas com o público, através do não-verbal com os jogos de luzes, refletores e gestos.

Por isso, utilizando dos pressupostos modernos da Linguística Cognitiva com a sua Teoria da Metáfora Conceptual e os seus desdobramentos cognitivos-discursivos, socioculturais e multimodais (Lakoff; Johnson, 1980; Salomão, 1999; Kövecses, 2005; Soares da Silva; Leite, 2015; Vereza, 2007; Forceville, 2009) adentraremos o *corpus* supracitado, com vistas a comprovar ou não a hipótese estabelecida.

O arrocha: breve história do ritmo que nasceu no interior da Bahia

Articulado na cidade de Candeias (BA) o ritmo do "arrocha" tem um percurso histórico bastante marcante. Conforme argumenta Brito (2019) em seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre esse assunto, a referência de mais prestígio no que se refere a produção, a escuta e a popularização das músicas do universo da "sofrência" se dá exatamente pela sua valorização pelas comunidades periféricas e as culturas de massas. Que, subjugada pela elite dominante como "ruim", conseguiu alcançar os prédios e apartamentos da classe média.

Tendo como primeiros expoentes iniciais os artistas Pablo, Tayrone, Nara Costa, Pra se Envolver, Ardente Paixão, Márcio Moreno e Silvano Salles, o nome "arrocha" se deu, primeiro, não como um ritmo, mas como um nome de um CD da Banda Mastruz com Leite em 1992, com

o título “Arrocha o Nó” (Brito, 2019, p: 13). Depois, nas serestas, festas e bares do interior da Bahia começou a ser convocado como um chamamento para dançar. Ao iniciar uma música os cantores supracitados falavam: “vamos arrochar?”.

A partir deste ponto, os eventos no qual sempre havia um teclado Yamaha ou Roland em ritmo dançante no qual havia mistura de brega, forró e o bolero, passou a engendrar realizações de encontros românticos, de amigos e etc. O convite da batida do “arrocha” é dançar a dois, corpo a corpo, numa sensualidade em que a necessidade de se movimentar ora em sentido anti-horário, ora em sentido horário (Brito, 2019, p: 19). O tema das canções é sempre o mesmo: a dor de amor, a desilusão amorosa, a paixão idealizada pelo outro, o querer e o não querer em um relacionamento a dois, a dor da separação, a dor da traição (Cardoso Filho; Cerqueira, 2016).

Atualmente são diversos os shows que contratam cantores do arrocha baiano. Pablo, um dos grandes nomes do ritmo, é um dos artistas que rodam o país divulgando suas canções. Nadson – O Ferinha, mais novo na área, tem feito bastante sucesso. Com a sua agenda repleta de apresentações. Por isso, compreendendo que esses dois cantores possuem uma forte representação sociocultural no que diz respeito ao fenômeno, procurou-se aqui elencar as suas performances musicais como objeto de análise.

Pressupostos teórico-metodológicos: a linguística cognitiva, sua teoria da metáfora conceptual

No best-seller brasileiro de divulgação da Semântica Cognitiva no Brasil, “Introdução à Linguística Cognitiva” (2011), a Profa. Dra. Lilian Ferrari (UFRJ) afirma que se a teoria gerativa postula que o significado de uma sentença é definido pela condição de verdade ou falsidade, para essa área de investigação linguística a relação entre palavra e mundo é mediado pela cognição.

Desse modo, na doravante LC destaca-se a concepção de que “a linguagem humana é um instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática” (Ferrari, 2011, p. 14). O que se interpreta do mundo não é um reflexo direto, mas sim uma construção conceptual donde o universo ao redor dos sujeitos em sociedade é apreendido e experienciado.

A língua assim seria uma forma de ação conjunta, uma atividade social, em que os falantes coordenam entre si as propriedades linguístico-discursivas que querem dar a uma

sentença. Isto é, a cognição é modelada pelos indivíduos em suas determinadas comunidades culturais *situadas* no mundo (Koch; Cunha-Lima, 2004). Um dos mecanismos de processamento desses *projetos de fala* está a metáfora, que dentro dos estudos sociocognitivos da linguagem possuem abordagem analítica central. Pois, como afirma Marcuschi (2007), jogar luzes sobre o seu uso, é compreender como os sujeitos a utilizam para um fim comunicativo.

No capítulo "Metáfora: uma abordagem neurocognitiva" lançado no livro *Linguagens e Cognição* (2016) a linguista brasileira Ada Sousa afirma que desde a Antiguidade Clássica a linguagem figurada tem tido atenção de pensadores renomados, tais quais naquela época eram Aristóteles e Platão. Para a autora, o primeiro em sua Arte Poética que a metáfora possuía o poder de transportar e transmitir significados, já para o segundo, a figuratividade era um instrumento retórico de caráter meramente decorativo, utilizado apenas por grandes poetas e políticos que queriam embelezar seus discursos para um fim determinado. Nesse sentido, a dicotomia entre uma linguagem referencial e uma linguagem não literal passou a ordenar o cerne de caracterização da metaforicidade (Sousa, 2016, p. 258).

No texto *Trinta e cinco anos de Teoria da Metáfora Conceptual* (2015) os linguistas Jan Leite e Augusto Soares da Silva afirmam que é só a partir do lançamento da obra seminal da Linguística Cognitiva, *Metaphors We Live By* de Lakoff & Johnson (1980) que houve uma verdadeira "revolução acerca da acepção sobre o papel da metáfora na linguagem e no pensamento humano" (p. 1). Segundo os autores do livro citado, ela não é apenas um "pincel" de decoração linguística, mas sim um elemento de estruturação e construção do sistema conceptual humano, de base experiencial e corpórea.

Utilizando exemplos de usos linguísticos da língua inglesa, Lakoff & Johnson (1980) demonstraram que metáforas conceptuais como DISCURSO É GUERRA[1] e IDEIAS SÃO PLANTAS expressas por meio de sentenças tais quais "Eu vou derrubar o seu argumento!" e "A sua ideia floresceu!" atestam como os indivíduos arquitetam os seus projetos de fala sobre conceitos abstratos a partir de perspectivações modeladas e ancoradas pela conexão cognitiva de conhecimentos armazenados na mente durante as suas diversas vivências no mundo real e social (Ferrari, 2014, p. 14-15).

Após o lançamento do livro seminal da Linguística Cognitiva diversas pesquisas sobre o uso da linguagem figurada foram propostas por diversos cientistas, o que elevou o nível da metaforicidade a um papel importante na percepção acerca da construção do conhecimento e do pensamento humano. Entretanto, como critica paulatinamente pesquisadores como Margarida

[1]Método tradicional em Linguística Cognitiva para representação da ação da metáfora no discurso.

Salomão (1999), Zoltan Kövecses (2005), Elena Semino (2008) e Solange Vereza (2010) não é possível dizer que todos os exemplos utilizados para atestar a potencialidade da figurativade em *Metaphors We Live By* (1980) são iguais para todas as línguas do mundo. Se como afirma Marcuschi (2001) a língua é um trato da realidade e não um retrato dela, é preciso então aferir as configurações intrínsecas a cada universo de cada cultura, já que para o sociocognitivismo é por ela que as pessoas se influenciam (Koch; Cunha-Lima, 2004).

Assim sendo, sabendo que em uma sociedade possuem-se conhecimentos compartilhados em geral (frames off-line) e que na linguagem *em uso* novos conhecimentos também são tecidos (frames online) (Vereza, 2013), a pesquisa sobre a metáfora na contemporaneidade se faz essencial. Já que através dela podemos chegar a reflexões e ponderações sobre o processamento da interlocução e da interação que há no exercício conjunto do discurso humano.

Um bom exemplo desse novo olhar sobre a figuratividade está na tese da pesquisadora brasileira Paula Lenz Costa Lima (1999) que investigou empiricamente como os brasileiros têm o costume de encapsular a ideia abstrata de DESEJO em detrimento da experiência corpórea da FOME. Em pesquisa que rendeu estágio-sanduíche nos Estados Unidos, a pesquisadora brasileira e cearense demonstrou que as frases "Você é uma delícia!", "Você é muito gostosa!" e "Você me dá agua na boca" vem são (sem sentido) agenciadas pela metáfora DESEJAR É TER FOME já que na cultura deste país quando um rapaz interessa-se demais por uma mulher, por exemplo, ele pode morder os lábios, ele pode sugar a saliva, ele pode sentir a sensação de "querer comer", tudo em relação ao funcionamento orgânico da alimentação, o que atesta o caráter social, corporal e experiencial sob os quais os usos linguísticos são emoldurados.

No texto *Metáfora e Argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva* publicado na revista eletrônica *Linguagem em (Dis)curso* em 2007, a Profa. Solange Vereza estabelece uma congruência teórica e metodológica muito positiva entre os estudos de discurso, metáfora e argumentação. Defendendo, dentre os desenvolvimentos dos estudos em figuratividade o papel dela na estruturação pragmática de sentidos e significações, a autora afirma que se os indivíduos utilizam-se diariamente da língua e da linguagem para persuadir os seus interlocutores a determinado fins sociais, é claro que a metaforicidade, sendo atualmente considerada como um instrumento naturalmente essencial para a arquitetura efetiva da força intencionalidade almejada nos projetos de argumento dos falantes se fazem necessárias pesquisas que compreendam a sua importância.

Recrutando as ponderações científicas de Van Eemeren, Grootendorst e Henkemans (2002) bem como de conceitos extraídos da área da Ecologia, Vereza (2007) propõe a criação da metodologia do "nicho metafórico". Segundo ela, este seria "um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser vistas como uma proposição metafórica superordenada normalmente presente (ou inferida) no próprio co-texto" (p. 496) o qual funcionaria de maneira basilar para que as pessoas organizem suas peças discursivas que buscam convencer o outro sobre determinado assunto, ideia ou comportamentos.

No que diz que respeito ao sentido da análise multimodal, Forceville (2009) teoria que para além da análise do conteúdo verbal, pode-se analisar a metaforicidade no nível não-verbal, pois para o autor, no recrutamento dos dispositivos no momento da comunicação, os falantes podem articular, utilizar e recrutar cinco sentidos assim listados: "a) modo pictorial, b) modo sonoro, c) modo olfativo, d) modo gustativo e e) modo tátil" (p. 22) Desse modo, concebendo a complexidade deste compilar de modos postula a existência do 1) signo pictórico, do 2) signo escrito, do 3) signo falado, 4) dos gestos, 5) dos sons, 6) da música, 7) do cheiro, 8) do gosto e 9) do toque.

A partir deste aparato teórico-metodológico este trabalho buscará refletir empiricamente sobre o papel da metáfora na formulação da tessitura da coesão, da coerência do sentido argumentativo verbal e multimodal das canções apresentadas *ao vivo* a serem analisadas a seguir.

Análise de dados

O *corpus* selecionado para o exame do papel da linguagem metafórica na estrutura conceptual de canções de arrocha foram duas canções do ritmo. A primeira é da canção "Tudo Azul"[2] apresentada pelo cantor Pablo no DVD *Asas Livres Retrô* (2019) gravado para mais de 30 mil pessoas no Parque de Exposições Agropecuárias de Salvador:

[2] Apresentação musical pode ser assistida neste link: https://www.youtube.com/watch?v=Ia2f1ymHKIs

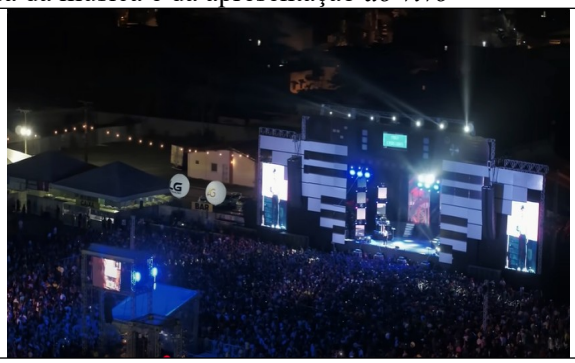
Quadro 1 – Exibição da letra da música e da apresentação *ao vivo*

Olho no espelho e vejo em meu olhar (1) Fica uma esperança de te encontrar (2) Sinto no meu peito a dor Dá vontade de gritar	

Fonte: Elaboração do autor (2025).

Para contar através do meio multimodal da música (Forceville, 2009), Pablo inicia a sua apresentação, como se observa na imagem, com as luzes refletoras do show em referência clara ao título da canção, isto é "Tudo Azul". Ao iniciar o seu canto, corporifica através de sua voz a história de uma pessoa apaixonada que sofre pelo desencontro ou desentendimento em seu relacionamento amoroso. Assim diz "Olho no espelho e vejo em meu olhar / (1) Fica uma esperança de te encontrar / (2) Sinto no meu peito a dor / Da vontade de gritar". Nesse excerto textual verifica-se que são mobilizadas, no inicio de um "nicho metafórico" (Vereza, 2007) como descrito na sessão metodológica (Vereza, 2007) duas metáforas que dão congruência, coesão e coerência a argumentação pretendida pelo amante/amada: O AMOR É UMA VIAGEM (Lakoff; Johnson, 1980). Já que então namorados se desencontraram e na sociedade em geral há o conhecimento compartilhado sobre a VIDA como uma VIAGEM que requer origem, percurso, meio e chegada). SEPARAÇÃO AMOROSA É ATAQUE CARDÍACO, pois se o sofrimento de ficar longe da outra pessoa faz doer o peito, e esse incômodo nessa região do corpo faz um indivíduo gritar, então, pode-se dizer que o que se quer transmitir é que estar separado em um relacionamento é como se estivesse a se sentir as lamúrias de uma emergência médica extrema.

Quadro 2 – Exibição da letra da música e da apresentação *ao vivo*

Olho da janela e vejo ao luar Brilho das estrelas, vento a soprar Meu Deus me diga por favor, (3) como posso a encontrar (4) Tudo azul, lindo como a cor do mar (5) Doce como o mel da flor (6) Foi tão bom te encontrar	

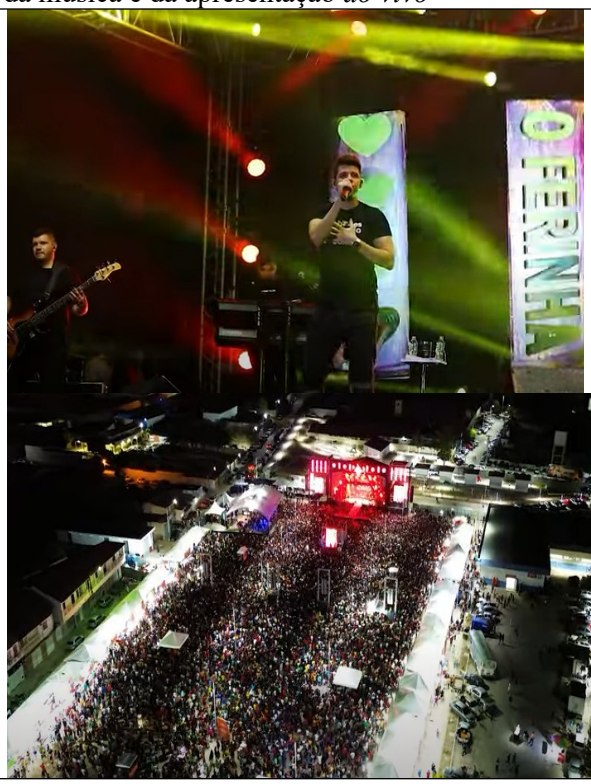
Fonte: Elaboração do autor (2025).

Continuando a transmitir a mensagem de “Tudo Azul”, Pablo fala na estrofe anterior ao refrão: “Olho da janela e vejo ao luar / Brilho das estrelas, vento a soprar / Meu Deus me diga por favor (3) como posso te encontrar”. Neste trecho a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM mais uma vez é recrutada para num dizer que evoca a cosmologia da natureza (o luar, as estrelas, a delícia de se sentir o ar) em conexão a imagem daquele que ele ou ela está apaixonado (a).

No excerto textual principal, o personagem interpretado se autorrealiza, engendrando novas metáforas no nicho metafórico da história da música: “Tudo azul, lindo como a cor do mar / Doce como o mel da flor / Foi tão bom te encontrar”. A linguagem metafórica aqui é mobilizada para fazer a conexão sobre o conhecimento compartilhado entre as pessoas sobre quando a) como é o mar e como é bom tomar banho de mar, b) como as flores são belezas naturais que tem como alimento o mel para o beija-flor para o preenchimento da ideia abstrata de encontro amoroso. Especificadamente as metáforas aqui construídas são: ENCONTRO AMOROSO É BELEZA NATURAL e ENCONTRO AMOROSO É ALIMENTO.

A segunda canção se intitula “Pássaro Noturno”[3] interpretada pelo cantor Nadson – O Ferinha na cidade de Monte Santo (BA) em festejo público para mais de 20 mil pessoas:

Quadro 2 – Exibição da letra da música e da apresentação *ao vivo*

(1) Procurei e encontrei Meu amor, minha cara metade (2) Me entreguei, te mostrei (Quem eu sou) quem eu sou, a minha verdade (3) Sou pássaro noturno, quer ser meu par? Procuro entender por que, iê (4) Eu, sem você, já não durmo, (5) nem sei voar Sonhar, (6) viver, ê	

Fonte: Elaboração do autor (2025).

[3] Apresentação musical pode ser assistida neste link: https://www.youtube.com/watch?v=5c2Y1C68vX4

Coincidentemente, como na primeira canção analisada, a de Pablo do Arrocha, a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM também é mobilizada na música de Nadson – O Ferinha: "(1) Procurei e encontrei / Meu amor, minha cara metade". Em um tom ultrarromântico, o cantor interpreta, observe-se na imagem, com a mão sobre o peito, o palco em refletores vermelhos representando a cor social do amor, um encontro a dois que aparenta ter dado certo, bem como ele se sentiu diante disso. Presente, a multimodalidade musical, gestual e pictórica de Forceville (2009).

A linguagem metafórica, formando um nicho linguístico-argumentativo coeso e coerente (Vereza, 2007), demonstra sociocognitivamente esse sentimento do indivíduo apaixonado no trecho "(2) Me entreguei, te mostrei / (Quem eu sou) quem eu sou, a minha verdade". Momento em que a pessoa se conceptualiza como objeto, que se entregou por completo a outra pessoa, tal como se envia uma encomenda, por exemplo. Como esse tipo de conhecimento é compartilhado socialmente (Koch; Cunha-Lima, 2004), os sujeitos conseguem apreender a carga emotiva do que se quer dizer.

No refrão da música, Nadson costura linguístico-discursivamente em sua apresentação, metáforas novas (Vereza, 2007, 2013). Desta vez, em "(3) Sou pássaro noturno / quer ser meu par / Procuro entender por quê" com SER HUMANO É ANIMAL. Observe-se que não é qualquer ser vivo, é um pássaro. Sabe a maioria das pessoas que um pássaro ao voar sozinho a noite pode trombar-se em algum lugar e perder a sua vida, por isso, tão forte é o encontro e a não separação amorosa para a pessoa interpretada na canção. O excerto que acaba com o "por que" traduz o poder do sofrimento pela perda amorosa, o que pode dizer que a relação a dois não pode ficar, de modo algum, em perigo.

O que vai confirmar isso são as sentenças no final do refrão. Que vão articular em: "(4) Eu, sem você, já não durmo (5) nem sei voar / Sonhar e (6) viver" as metáforas SEPARAÇÃO AMOROSA É INSÔNIA, SEPARAÇÃO AMOROSA É INCAPACIDADE MOTORA, SEPARAÇÃO AMOROSA É MORTE.

Desse modo, é possível concluir que nas canções de arrocha analisadas, metáforas são elementos essenciais para a sua construção textual. Elas fornecem potência discursiva, potência psicológica e afetiva, já que utilizada em suas facetas verbal e não-verbal, atinge os ouvintes com efetividade. Isto é, com coesão, coerência e intersubjetividade (conhecimento compartilhado). O que faz mover os temas principais desse ritmo nordestino nos corpos e nas

mentes de seus fãs e amantes nos mais diversos lugares onde ele é executado: festas, shows, aniversários, encontros românticos, etc.

Considerações finais

Por meio do objetivo científico proposto por esse trabalho, ficou atestado por meio do exame empírico realizado que a linguagem metafórica se fez essencial na tecelagem sociocognitiva, discursiva, textual e multimodal das canções interpretadas pelos cantores de arrocha analisadas. Este instrumento de construção de conhecimentos e saberes através da língua concebe a carga conceptual, psicoafetiva e sensorial necessária para que essas melodias possam existir. Exatamente porque as letras dessas canções são ressaltam níveis de abstração movidos por alto nível de afetividade e emoção, polos mentais importantes na formação dos sujeitos no que se refere as suas atitudes e ações. As metáforas examinadas nos textos analisados falam disso quando observa-se os domínios-fontes ressaltados na construção mental do romantismo recrutado: O AMOR É UMA VIAGEM, ENCONTRO ROMÂNTICO É ALIMENTO, SEPARAÇÃO AMOROSA É MORTE, ENCONTRO ROMÂNTICO É BELEZA NATURAL, SEPARAÇÃO AMOROSA É ATAQUE CARDÍACO.

Referências

BRITO, E. O arrocha: origem, representantes, estigma social e cultura de massas. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Bacharelado em Humanidades) – UNILAB, 2019.

CARDOSO FILHO, J.; CERQUEIRA, R. O Arrocha enquanto performance e representação: a música popular e o corpo periférico a partir do músico Nenho. **Revista Eco-Pós**, 19(3), 180–198, 2016.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FORCEVILLE, C. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivista framework: agendas for research. In: FORCEVILLE, C.; URION-APARISI. **Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor.** New York: Mouton de Gruyter, 2009.

FIGUEIREDO, D. **O arrocha:** o novo ritmo nordestino - uma discussão sobre desvalorização social. 2015. 197 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

GSHOW. Perna dentro de perna: confira o arrocha, dança sensual que veio da Bahia. Globo. Disponível em: https://gshow.globo.com/programas/mais-voce/o-programa/noticia/2013/02/entre-no-clima-do-arrocha-nesse-carnaval.html. Acesso em: 20 dez. 2024.

SANTOS, A. Sofrências compartilhadas: Pablo, arrocha e outra Bahia. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém – PA. **Anais**, 2019.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LIMA, P. **Desejar é ter fome:** novas ideias sobre antigas metaforas conceituais. 1999. 215p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1588437. Acesso em: 26 jun. 2023.

MARCUSCHI, L. Atos de referenciação na interação face a face. **Cadernos de Estudos Linguísticos,** n. 41, 2001, p. 37-54.

MARCUSCHI, L. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KOCH, I. G.; CUNHA-LIMA, M. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004, p. 251-299.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture:** universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. **Introdução à Linguística**: I. Objetos teóricos. Contexto, 2012.

SALOMÃO, M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas.** Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SEMINO, E. **Metaphor in discourse.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SOARES DA SILVA, A.; LEITE, J. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações,** Recife, v. 28, n. 2, p. 1- 23, jul. 2015.

SOUSA, A. Metáfora: uma abordagem neurocognitiva. In: ALMEIDA, A.; SANTOS, E. (Orgs.). **Linguagens *e* cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016.

VEREZA, S. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso,** v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

VEREZA, S. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF,** n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 55, n. 1, p. 109–124, 2013.

VEREZA, S. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da Linguística Cognitiva, **Linguagem em Discurso – LemD**. v. 16, n. 3, p. 561-573, 2016.

VEREZA, S. O gesto da metáfora na referenciação: Tecendo objetos de discurso pelo viés da linguagem figurada. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 135–155, 2017.